

Relato de Experiência Didática em HFSC

Pesquisa em HFSC

As temporalidades nas Memórias de Peter W. Lund - percursos de interpretação.

Helena Miranda Mollo – Universidade Federal de Ouro Preto – hmollo@ufop.edu.br

Palavras-chave: temporalidades, estilo de pensamento, viagens, Peter W. Lund

1. INTRODUÇÃO

Objetiva-se, no presente trabalho, realizar uma leitura das Memórias do viajante dinamarquês Peter W. Lund, fruto da viagem realizada pela região Central de Minas, na região de Lagoa Santa, e escritas entre 1836 e 1844. A Primeira Memória mostra-se bastante promissora, visto que as descrições das cavernas e grutas possibilitam compreender parte da cultura científica do fim do século XVIII e início do século XIX e como ela se constrói, e como as temporalidades são identificadas pelo naturalista e como ajudam a construir a ciência da viagem. A partir das descrições do ambiente das cavernas, das descrições dos fósseis dos animais extintos, da flora da região e da descrição da paisagem, chega-se a duas noções fundamentais: o tempo histórico e a noção de patrimônio. Tais noções mostram-se importantes no âmbito da educação básica, na interseção dos conteúdos de ciências, história e geografia. A proteção de bens arqueológicos é prevista desde 1937, quando da criação do Iphan e também na Constituição de 1988, no artigo 216. O reconhecimento desses bens se desdobram em várias ferramentas para o ensino: a dinâmica da história da Terra, da história e da filosofia da paisagem, e, por fim, como a noção de ambiente pode ser uma chave cognitiva (e de interseção entre os campos de conhecimento) para a compreensão da dinâmica das temporalidades.

O trabalho apresentado sob a forma de comunicação oral é parte dos resultados da pesquisa de pós-doutoramento realizado na Universidade Federal de Minas Gerias, sob a supervisão da professora doutora Regina Horta Duarte.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Pretende-se apresentar percursos de interpretação das Memórias do viajante dinamarquês Peter W. Lund, a partir da compreensão das temporalidades que se identificam registradas pelo autor, através de termos como “restos”, “ossos”, “destroços

orgânicos”, “vestígios de ossadas”, entre outros. Lund, ao percorrer as cavernas de Lagoa Santa e áreas próximas, traz à tona existências extintas, animais cujas ‘reaparições’ direcionam os olhares naturalistas em direção às diversas formas de passado. A complexidade dos tempos nas cavernas leva a ciência de início do oitocentos pensar como eram essas vidas e como eram os ambientes da natureza e percebe-se como processo de temporalização da natureza defronta a história humana através das rupturas, desaparecimentos e transformações que os fósseis revelam

Os percursos propostos pelo trabalho consistem em identificar no texto de Lund as formas como o naturalista se refere às temporalidades, passando pelas noções de contexto, fato histórico e como se pode estender também à noção também de fato científico. Tais noções são fundamentais para a leitura dos termos acima citados (ossos, vestígios de ossadas...) que dão conta de expressões não só de muitas e distintas formas do que é o antigo, mas possibilitam sua tradução, composição e leitura compreendidas pela segunda metade do setecentos e início do oitocentos, em sua cultura científica. No momento em que a autoridade de Georges Cuvier era expressiva, e a partir de sua teoria catastrofista, baseada na cronologia bíblica, Lund chegará na região de Lagoa Santa defensor dessa teoria e seguidor do paleontólogo francês. As evidências encontradas nas cavernas mostrarão outras realidades para o naturalista dinamarquês.

A observação dos seres da natureza, sobretudo as plantas e animais, tinha como resultado a busca sobretudo das semelhanças, e a seguinte passagem de uma carta de Peter Lund revela ao responsável pelos *Annales des Sciences Naturelles* suas descobertas em Lagoa Santa:

Desde que cheguei ao Brasil, há cinco anos, não cessei de me aplicar, de modo especial, ao estudo dos animais vertebrados fósseis que abundam nas cavernas. Tereis uma ideia a seu respeito quando eu vos disser que, somente na classe dos mamíferos, já reuni mais de setenta e cinco espécies distintas pertencentes a quarenta e tres gêneros, isto é, um número igual em espécies e superior em gêneros nos animais que habitam atualmente as mesmas regiões. (LUND [1838/9], COUTO, C. P, 1950, p.04)

A classificação de Lineu, já utilizada nesse momento (exemplo é a organização de gênero e espécie), procurava organizar as características dos seres da natureza, suas semelhanças e diferenças, e, como observa Pedro Luna Filho, nesse sistema, o que variava do conjunto a ser analisado ficava à parte. Essa observação importa, pois o descarte do diferente é também uma relação com o tempo; a diferença poderia ser a adaptação e a mudança dos seres ao ambiente e, para Lund, o diferente implica na supressão do antigo, a eliminação pelas grandes catástrofes. Com a cena que a citação acima constrói, o sistema de explicação da diferença faunística cuveriana aparece: As catástrofes naturais seriam sobretudo grandes inundações, lembrando a narrativa bíblica do dilúvio. A experiência do tempo profundo como história da Terra, apesar de já avançada por Hutton e Lyell à época de Lund, evoca também a tradição religiosa que, mesmo colocando em sequência de “antes” e “depois” entre mundo natural e humanidade, via uma diferença muito pequena entre os tempos de criação de cada um deles.

À medida que as observações da natureza foram provocando mais e mais elementos que mostravam a anterioridade do planeta em relação à humanidade e uma anterioridade muito acentuada, inúmeras datações a partir da leitura da bíblia foram gestadas, misturando uma tradição religiosa e uma interpretação de uma experiência completamente nova. Contudo, a dessacralização do mundo não é algo abrupto. A

criação, as águas que inundam e os seres que aparecem petrificados mostram uma interseção entre uma experiência de tempo, de certa forma, curta dada pela narrativa bíblica e ao mesmo tempo um alargamento, em direção a um tempo extenso e puramente natural. Assim vemos em Lund, nas Observações sobre as espécies extintas de mamíferos, quando da comparação entre passado e presente dos animais:

1a.) Que as famílias dos tamanduás propriamente ditos, dos tatus e das preguiças, que na época atual são próprias da América, ali viviam também na época que precede a nossa, e

2a.) Como nenhum animal das tres famílias mencionadas acima [preguiças, ruminantes e paquidermes] foi achado até hoje nos terrenos diluvianos das outras partes do mundo, devemos admitir que, naquela época, essas famílias eram próprias daquela parte do mundo [sul] como ainda o são.

3a) A ordem dos Brutos era tão mais rica, tanto em gêneros como em espécies, do que hoje.

4a) A maioria dos antigos gêneros desta ordem desapareceu (de 11 gêneros, 8 desapareceram e 3 ainda existem)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra de Peter Lund possui características interessantes: o catastrofismo é, de certa forma, desafiado pelas cavernas e pelos fósseis de Lagoa Santa e, ao mesmo tempo, a paleontologia ganha seu contorno a partir das ossadas encontradas na região. Irina Podgorny e Margaret Lopes (2008) lançam luz sobre a importância das coleções de história natural e das ossadas de mamíferos extintos provenientes da América do Sul para alimentar museus em diferentes espaços, e essa organização é constituinte de uma cultura moderna de história e de ciência, no início do oitocentos. P. P. Pimenta (2018) lembra como na acepção ilustrada, a natureza é vista sob a ótica de comparação entre passado e presente, que possibilita pensar temporalidades diferentes para o mesmo espaço. As Memórias, de Peter Lund, permitem tais leituras: o que os tempos distintos informam sobre os espaços do presente?

O chagal e o lobo das cavernas foram os principais autores da introdução das ossadas nestas paragens; mas vamos conhecer outros animais que servirão para confirmar também o fato notável que acabamos de estabelecer, isto é, a existência de formas asiáticas e africanas na América do Sul, naquela época.

A escala de tempo utilizada por Lund, como visto acima através da expressão *terrenos diluvianos*, remete um tanto ao netunismo e ao que essa teoria deve à cronologia bíblica. Ambas partem de uma explicação de que águas extremamente violentas, deslocando-se de seus leitos, inundaram parte das terras continentais, levando consigo não só os animais e plantas, mas interferindo na organização e formação do terreno.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Memórias de Peter Lund, escritas entre 1836 e 1844, permitem que se vislumbrem formas de compreensão dos tempos da natureza, a partir dos desafios que as teorias sobre os seres extintos colocavam. A complexa e múltipla noção de antiguidade presente nos registros do naturalista pode ser compreendida através de termos-chaves, como vestígio, ossos e destroços dão conta de mundos extintos e mundos vivos que se comunicam de diferentes formas e como a ciência das viagens se constitui. A noção de ambiente está presente e permeia todos esses contextos dos campos de conhecimento e mostra-se frutífera para que se construam estratégias de compreensão do que é o patrimônio de um país e seu povo.

REFERÊNCIAS

DAL PRETE, Ivano. *On the edge of eternity. The antiquity of the Earth in the Medieval and Early Modern Europe*. New York: Oxford University Press, 2022

FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**: introdução à doutrina do estilo de pensamento e do coletivo de pensamento [1935]. Tradução de Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

LUND, Peter Wilhelm. **Memórias sobre a Paleontologia brasileira**. Revistas e comentadas por Carlos de Paula Couto. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950.

PODGORNY, Irina; LOPES, Maria Margaret. **El desierto es una vitrina**: museos e historia natural em la Argentina, 1810-1890. México: Limusa, 2008

PIMENTA, Pedro Paulo. **A trama da natureza**. Organismo e finalidade na época da Ilustração. São Paulo: Editora Unesp, 2018